

Olhar, olhares

Para falarmos do que vemos, é bom vermos do que falamos. No nosso olhar, há sempre, suspensas como acrobatas numa linha esticada sobre a arena do mundo, palavras que o querem dizer. Falar do que vemos é dar às palavras o movimento do olhar que olha o passo persistente e perigoso que percorre e prolonga o arame.

Se, para falarmos de “ Lugares de Sophia”, fizéssemos do lugar-comum uma facilidade ou uma felicidade, diríamos que esta exposição mostra três olhares - um de cada fotógrafo - sobre uma vida e uma obra onde os lugares estão presentes e vivos como personagens com forma e figura, corpo e alma. Mas a verdade é outra e ausenta-se desse lugar-comum: os olhares de que esta exposição se faz são mais do que três e são menos fixos e focados do que o lugar-comum diria.

Cada um dos três fotógrafos tem mais olhares no seu olhar do que o olhar desse próprio olhar - e o encontro de todos eles nesta exposição dá-nos uma multiplicação e não uma soma. Eles implicam-se e explicam-se uns nos outros, multiplicam-se uns pelos outros, intensificam-se, acrescentam-se, aumentam-se, abrem-se, desdobram-se, conluem-se e concluem-se uns aos outros, reflectindo as suas visões volúveis e veementes num espelho sem superfície e ecoando as suas vozes visuais e votivas num túnel sem saída.

Cada um dos fotógrafos não olha apenas os lugares da vida e da obra de Sophia com um olhar único e fitado. Cada um deles olha esses lugares com o seu olhar e olha também, neles, o olhar de Sophia a olhá-los. Cada um deles dá ao seu olhar uma mobilidade, uma mutação, uma metamorfose, uma multiplicidade, uma mitificação. Cada um deles duplica a fidelidade à seta do seu pensamento, da sua pulsão e da sua perícia com uma outra fidelidade ao alvo do seu propósito, do seu programa, da sua posse.

Movendo assim as peças nas casas do tabuleiro onde o xadrez dos olhares se joga e faz xeque-mate ao rei da escuridão («fotografar» significa escrever a luz), estes artistas ousaram as imagens com a imaginação delas (“ E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar/ Era o verdadeiro”). E, com essas imagens imaginadas, criaram imaginários, utopias, distopias e heterotopias (diria Foucault), lugares onde o espaço é um heterónimo de si-mesmo!

Para Sophia, os seus lugares eram a dúvida feita certeza, o universo tornado próximo, a distância transformada em vizinhança. Eram a desmesura feita medida, o infinito tornado reconhecível, a força transformada em frémito. Eram a claridade feita clamor, a transcendência tornada imanência e a eternidade transformada em iminência. Por isso, nascia deles “ espanto e prodígio”, “ êxtase e pânico”.

Nos lugares de Sophia, há vento, mar, sol, lua, noite, dia, terra, fogo, tempestade, aurora, poente, casa. Há cores, brilhos, sombras, transparências, opacidades, consistências, cristalizações, frescuras, securas, rouquidões, estabilidades, variações. Há desvios, despedidas, ausências, pesos, levezas, proliferações, unidades, fundamentos. Há “o brilho do visível frente a frente”.

E mesmo a casa, quando está certa, é um lugar onde o universo mora com ela, acendendo o seu fervor e o seu “Magnificat”. Descreve-se em “ A Casa do Mar”: “ Mas quem do quarto central avança para a varanda e vê, de frente, a praia, o céu, a areia, a luz e o ar, reconhece que nada ali é acaso mas sim fundamento, que este é um lugar de exaltação e espanto onde o real emerge e mostra seu rosto e sua evidência. (...) No subir e descer da vaga, o universo ordena seu tumulto e seu sorriso e, ao longo das areias luzidias, maresias e brumas sobem como um incenso de

celebração. // E tudo parece intacto e total como se ali fosse o lugar que preserva em si a força nua do primeiro dia criado.”

No poema “Cidade”, o protesto de Sophia atira-se ao que lhe impede, nega e desmente o universo: “ Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,/Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta, / Saber que existe o mar e as praias nuas,/ Montanhas sem nome e planícies mais vastas/ Que o mais vasto desejo, / E eu estou em ti fechada e apenas vejo/ Os muros e as paredes, e não vejo/ Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas”. E noutro poema, “Tejo”, o louvor é dirigido ao lugar de onde o universo se vê: “ Aqui e além em Lisboa – quando vamos / Com pressa ou distraídos pelas ruas/ Ao virar da esquina de súbito avistamos/ Irisado o Tejo:/ Então se tornam / Leve o nosso corpo e a alma alada”.

É isto que as fotografias dos três fotógrafos mostram nos lugares tocados e trocados pelas imagens deles. Estas fotografias dão, no centenário do nascimento de Sophia, um voucher para uma estadia nos lugares dela que agora são nossos. Elas são uma ficção de verdades repostas, sobrepostas, opostas. Estas fotografias estão cheias de perenidades, de premeditações, de prenúncios, de adivinhações, de vaticínios. E de verbos visuais conjugados nos seus vários tempos e modos. Elas são *selfies* tiradas com o universo.

As palavras que os três artistas dão às suas obras são mais um índice do que um mote, mais uma inscrição do que uma legenda, mais um destino do que um discurso. António Jorge Silva escolheu um verso de Sophia que fala da alma e da maresia da sua metade. As suas fotografias têm a geometria da casa, a arquitectura da água e a petrologia da rocha, que o interior impõe ao seu exterior. Aqui, a vertical é a humilhação da horizontal. Pedro Tropa fez seu um verso dela que diz a construção como promessa da destruição. No claro e no escuro das suas imagens, o edifício coincide com a sua ruína e o mundo é uma mão atravessada por uma escrita (Mallarmé disse que “o mundo é feito para acabar num belo livro”). Duarte Belo guarda a memória do único encontro que teve com ela. Foi em Tomar, no convento ainda cheio de vértices e vultos templários – e dessa memória faz um fio de Ariadne num labirinto de lugares iluminados pela luz e pela sombra das cores. Nesta sua colecção de imagens, é como se o singular encontro com Sophia fosse prolongado e levado àquilo que no mundo o olhar dela tocou com o arco tenso e intenso da sua atenção.

Nas obras do primeiro, o mar é uma força que é uma forma que é uma figura. E a casa é disso o flagrante fantasma. Nas do segundo, tudo nos fala de um tempo transformado em espaço, de um espírito tornado corpo, do *logos* tornado *eikon*, da *physis* na sua *aletheia*. Nas obras do terceiro, há um dicionário de imagens- *topoi* , no qual passam, em sinal de sorte ou de desgraça, as sombras de Pascoaes e de Pessoa, o Mestre da Comunhão e o Mestre da Excomunhão.

A todas as obras destes artistas se pode dar aquela dignidade, de que Proust fala em “À Sombra das Raparigas em Flor”, quando a fotografia “ cessa de ser uma reprodução do real e nos mostra as coisas que não existem mais...” É preciso acrescentar: Que não existem mais, mesmo quando existem! E assim a fotografia é sempre vida passada e memória futura, sendo seu o tempo do vestígio que se faz aura, da perda que se faz ganho, da derrota que se faz vitória.

Há no mapa desta exposição caminhos que se dividem, estradas que divergem, ruas que convergem, vias que se reencontram. Quando o nosso olhar leva as fotografias a andarem umas para as outras, vemos acordes e desacordos, lentidões e velocidades, acelerações e travagens, direitos e avessos, versos e reversos.

Além de Sophia e da sua obra vivida, o que há de comum nas fotografias que se apresentam nesta exposição é aquilo que ela descreve numa das suas “Histórias da Terra e do Mar”: “Da ordem e do silêncio do universo erguia-se uma infinita liberdade. Ela respirava essa liberdade que era a lei da sua vida, o alimento do seu ser. A paz que a cercava era aberta e transparente. A forma das coisas era uma grafia e uma escrita. Uma escrita que ela não entendia mas reconhecia”.

Como ela, com ela, nós reconhecemos estas imagens, assim elas fossem escritas com a grafia do nosso olhar.

José Manuel dos Santos